

**Elogio do Patrono**

**Discurso do acadêmico Aluizio Barros em outubro de 2017**

Senhor Presidente, senhoras e senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores:

A tradição da Academia é que um novo acadêmico faça o elogio aos seus antecessores na cadeira que irá ocupar. Essa prática vem da Academia Francesa de Letras que influenciou a formação da Academia Brasileira de Letras.

*Éloge historique* (elogio histórico) não é biografia, como nos ensina o físico e filósofo Arago, que escreveu a biografia do matemático e também filósofo Condorcet (1841) na Academia de Ciências da França. O que farei aqui é mesmo o elogio do patrono como praticado nas Academias Francesa e Brasileira. O trabalho minucioso e detalhado que exige uma biografia já foi feito pelo saudoso confrade Sebastião Cintra, que o publicou no Diário do Comércio em maio de 1962.

Estou encaminhando para os arquivos de nossa Arcádia uma cópia desse registro biográfico, que o confrade Abgar Campos Tirado gentilmente me presenteou. O Abgar foi o mais jovem presidente da Academia de Letras de São João del-Rei, como todos nós podemos constatar aqui neste salão na galeria de retratos dos presidentes. E o que é também muito importante: ele é neto do homenageado Antonio Augusto Ribeiro Campos.

**ANTONIO AUGUSTO RIBEIRO CAMPOS (1880 – 1917)**

*Morrem cedo aqueles que os deuses amam* (antigo aforismo grego)

Antônio Augusto Ribeiro Campos nasceu em 1880 e faleceu em 1917. Sua curta existência foi suficiente para colocá-lo entre os maiores educadores da história de São João del-Rei. Na véspera de completar 37 anos <sup>1</sup> de idade, sua vida foi precocemente interrompida cem anos atrás, 27 de novembro de 1917, mas a sua memória ficou perpetuada na Academia de Letras de São João del-Rei, onde é o patrono da cadeira número 25, que tenho o privilégio de temporariamente ocupar.

O interesse atual na vida do professor Antoniquinho, como era conhecido na cidade e na região sob a influência de São João del-Rei, decorre de duas considerações. A primeira é a luz que sua carreira lança sobre o *zeitgeist* – espírito do tempo – na entrada para o século 20

---

<sup>1</sup> Segundo o IBGE, a expectativa de vida ao nascer no país era 34 anos em 1900. Hoje é 75 anos.

de uma jovem nação republicana da periferia do capitalismo mundial. A segunda consideração é a organização do ensino público nos primeiros anos da república brasileira. Os desafios de então continuam conosco cem anos depois: escola pública versus escola privada, e qualidade do ensino para todos.

O presente trabalho está dividido em cinco seções. Na primeira parte, respondemos a aquela pergunta tão natural nas apresentações entre pessoas nas sociedades mineiras: de qual família você é? Daí, situamos os ascendentes e descendentes com suas ocupações na vida profissional.

Na segunda seção, vamos descrever o espírito da época em que viveu o professor Antoniquinho numa São João del-Rei ingressando na era moderna. Na terceira seção, falaremos da importância da educação oferecida na cidade. Na quarta seção, veremos a repercussão da primeira grande guerra em São João del-Rei. No final, farei uma breve digressão para alimentar a imaginação dos confrades e confradeiras desta Arcádia.

## **Sua Vida**

O jornal *A Nota*, que se definia como um diário vespertino, trouxe na primeira página da edição do dia 30 de novembro de 1917 a notícia do falecimento do Professor Ribeiro Campos:

“O professor Ribeiro Campos, cujo prematuro passamento ocorrido a 27 deste mês nesta cidade, causou geral consternação. Nasceu em Carmo do Rio Claro deste Estado, de onde para aqui viera com a idade de um ano.

Filho do Coronel Carlos Augusto Ribeiro Campos e de d. Rita Augusta Ribeiro Campos, fora contudo, devido a laços de extremo afeto, criado por seus dedicados tios Capitão José Maximiano Pereira da Cunha e d. Agueda Campos da Cunha.

(...) Depois de haver freqüentado o Instituto de Humanidades, os colégios S. Francisco e Maciel, cursou a escola Normal desta cidade, onde, com dedicação e inteligência, se diplomou em 1899.

(...) Mais tarde, foi nomeado inspetor técnico interino do ensino, função que cabalmente desempenhou durante um ano, pois que no fim deste tempo deixou este cargo para fundar o Liceu S. Gerardo, estabelecimento de ensino que, pelo zelo e capacidade do seu diretor, concorreu grandemente para a educação de grande número de moços.

Fechado este estabelecimento, voltou de novo o professor Ribeiro Campos à inspeção técnica do ensino, cargo este que ultimamente exercia.

O professor Antonio A Ribeiro Campos era casado com d. Olívia de Oliveira Campos e deixou três filhinhos – Augusta, Carlos e Conceição.

O seu enterramento, que se realizou no cemitério das Mercês às 9h do dia 28, foi grandemente concorrido e nele se notava o pesar que causou o infausto acontecimento.”

O município de Carmo do Rio Claro, onde nasceu o professor Antoniquinho, localiza-se na região sudoeste de Minas Gerais, próximo de Alfenas, e possui hoje cerca de 21 mil habitantes.

No registro histórico do confrade Sebastião Cintra, Antoniquinho veio para São João del-Rei com quatro anos de idade, contrariando o obituário do jornal A Nota, que assinala um ano. Minha tendência é concordar com Cintra, cuja acuidade de paciente pesquisador sempre foi apreciada por todos nós. Ademais, conhecemos de perto o sufoco de fechar edições diárias de jornal, no qual a tarefa de revisão é sacrificada em nome da pontualidade na distribuição do produto final.

Os “filhinhos” do casal Antoniquinho e Olívia tinham de fato pouca idade, quando morreu o professor. Águeda de Oliveira Campos (o jornalista equivocou-se ao chamá-la Augusta) não completara 14 anos, Carlos de Oliveira Ribeiro Campos tinha 11 anos e a caçula Maria da Conceição Oliveira Campos era ainda mais criança. Seu casamento com a são-joanense professora Olívia de Oliveira havia sido em 20 de dezembro de 1902, três anos após a conclusão da Escola Normal, aos 19 anos de idade.

A fundação do Liceu São Gerardo em 1909 foi sua maior conquista profissional. O sonho do educador estava realizado: dirigir seu próprio estabelecimento de ensino. Sebastião Cintra relata que o diretor Antoniquinho “exigia dos alunos que gravassem e pronunciassem com ‘r’ o nome do estabelecimento”. O Liceu São Gerardo localizava-se ao lado da igreja de São Gonçalo Garcia, na então recém denominada Praça da República, que o povo insistia em chamar de Praça do Colégio.

Podemos facilmente inferir que o endereço do Liceu era em área valorizada do centro da cidade. A poucos metros da Santa Casa da Misericórdia, que instalou o Colégio Nossa Senhora das Dores em 1897. Bem próximo também do belo sobrado do fotógrafo André Bello, que existia na esquina das atuais ruas Balbino da Cunha e Ministro Gabriel Passos. Do lado direito da igreja de São Gonçalo, uma edificação do período colonial que abrigava os quartéis do 28º Batalhão (1897 – 1920), após ter sido a Casa da Intendência e Fundação do Ouro (1735 - 1833), o Colégio Duval (1848), o Externato de São João Del-Rei (1861), e a Escola Normal (1883 – 1906). A partir de 1942, o Grupo Escolar Maria Teresa, fundado em 1925, lá se instalou e permanece até hoje, como escola estadual e depois municipal.

A proximidade do Liceu com o Colégio Nossa Senhora das Dores foi mais do que uma coincidência. A professora Maria Aparecida Arruda observa que

“O detalhamento da construção [do colégio NS das Dores] sugere uma arquitetura marcada por um estilo atento à arte e, ao mesmo tempo, à funcionalidade, ponderando tanto o discurso de modernização arquitetônica (estilo eclético da segunda metade do século 19), quanto do papel da educação que as autoridades de ensino propagandeavam. Chamava a atenção pela elegância e imponência, tornando-se no que se poderia nomear o cartão postal da cidade”.

O Liceu São Gerardo dedicava-se aos cursos primário e secundário para alunos internos e externos do sexo masculino. Um curso anexo de Odontologia chegou a funcionar no Liceu.

Sebastião Cintra não poupou elogios ao diretor:

“De baixa estatura e grande coração, professor Antoniquinho era um educador na acepção ampla do vocábulo. Mesmo longe das dependências do Liceu, seus alunos deveriam manter comportamento exemplar. Meninos de bons modos, dizia-se, devia ser discípulo do professor Antoniquinho.”

Era filho do tenente coronel Carlos Augusto Ribeiro Campos e da professora Rita Augusta Ribeiro Campos. Ainda criança, veio morar em São João del-Rei com a tia Águeda Campos da Cunha, professora, e o tio José Maximiano Pereira da Cunha, o capitão Juca, que foi vereador.

Podemos imaginar que o professor Antoniquinho possuía duas claras opções para a vida profissional, além do sacerdócio: a carreira militar e o exercício do magistério. Seu pai foi tenente da Armada Nacional e participou das operações de guerra no Paraguai por cinco anos, onde conquistou várias medalhas por atos de bravura. Foi ajudante de ordens do Almirante Tamandaré. Com o término da guerra em 1870, voltou para São João del-Rei, de onde seguiu para Ouro Preto para integrar a brigada policial da Província de Minas Gerais. Foi delegado em diversas cidades mineiras, inclusive São João del-Rei. Saiu daqui em 1878, antes do nascimento de Antoniquinho, para retornar em 1890 como delegado de polícia.

O filho homem do professor Antoniquinho fez carreira no exército brasileiro: o general Carlos de Oliveira Ribeiro Campos, já falecido. Considerado “muito simples, educado e culto”, o general Campos foi nosso confrade neste sodalício, sendo titular da cadeira cujo patrono é seu pai, Antoniquinho Campos. Tive, portanto, a honra de ser o sucessor do acadêmico Carlos Campos ao ingressar na Academia de Letras.

As filhas de Antoniquinho, Águeda e Maria da Conceição, foram professoras, sendo que Águeda fez carreira exitosa no magistério público em São João del-Rei, e Conceição foi trabalhar como funcionária pública federal.

### **São João del-Rei na modernidade**

Uma definição filosófica de modernidade, que melhor descreve os anos finais do século 19 e o início do século 20, foi formulada por Marshall Berman:

“Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (...) (A modernidade) nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’.  
(Berman, p.15)

O professor Antoniquinho viveu as promessas e as turbulências dessa fase moderna de São João del-Rei e do Brasil. A cidade de São João del-Rei possuía um conforto urbano invejável para a época. Uma biblioteca pública – a primeira da província de Minas Gerais – já se encontrava em funcionamento desde 1827 (e continua em franca atividade até hoje). O serviço de água canalizada existia desde 1888 e foi ampliado em 1915. A iluminação elétrica já tinha sido inaugurada em 1900 (e melhorada em 1914 com a construção da Usina de Carandaí). O serviço de telégrafo nacional operava desde 1893.

Além do ícone do progresso de então – a ferrovia – havia uma Casa Bancária, fundada em 1860, o novo Theatro Municipal (1893) e a Cia. Têxtil São Joanense (1891). Em 1911, a estação ferroviária de Chagas Dória foi inaugurada, sinalizando a expansão urbana na direção do arraial de Matozinhos, que passou a ser servido por cinco viagens diárias de trens no transporte de passageiros e no escoamento da produção de laticínios. A distância por estrada de ferro do Rio de Janeiro era de 477 km e de Belo Horizonte 360 km. Os funcionários da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) possuíam um prestígio social diferenciado pela moderna organização do trabalho na prestação de serviços de transporte de carga e de passageiros, e na manutenção industrial das máquinas. São João del-Rei estava sob a área de influência da capital federal, a cidade do Rio de Janeiro com menos de 900 mil habitantes, uma efervescente vida metropolitana e um grande mercado consumidor acessível ao são-joanense pelos trilhos da EFOM desde 1881.

A história econômica do Brasil registra um período de grande acumulação de capital industrial e de crescimento dos investimentos em infra-estrutura entre 1906 e 1913. Mas a trajetória de crescimento econômico é marcada por instabilidades. Uma economia exportadora de produtos primários está sujeita a três tipos de choques exógenos: flutuações abruptas da oferta de café, açúcar ou borracha por quebra de safra ou superprodução, flutuações da demanda nos países centrais e descontinuidades do fluxo de capitais externos.

A instabilidade reflete tanto o impacto das flutuações dos fluxos de comércio e de capital na economia mundial, quanto as respostas da política econômica do Brasil. A dependência da economia brasileira do desempenho dos preços do café e da borracha no mercado internacional era agravada pelo regime cambial vigente. A Caixa de Conversão, uma espécie de padrão-ouro rígido, não permitia que uma situação externa adversa fosse enfrentada com desvalorização cambial. A Caixa de Conversão determinava que a moeda em circulação no país aumentava ou diminuía em função da aquisição ou perda de reservas de ouro. Uma queda no preço da borracha, que encolhesse nossas exportações e gerasse déficit na balança comercial, levaria à perda de ouro e diminuição da moeda em circulação. Isto ocasionaria uma escassez de moeda e crédito que agravaria a situação econômica já crítica por causa da queda das exportações.

A crise brasileira de 1913 repercutiu fortemente em São João del-Rei. O Athletic Club, fundado em 1909, tinha acabado de festejar uma reorganização estatutária na presença de cem associados em agosto de 1913, mas não conseguiu realizar a primeira sessão ordinária, marcada para o dia 5 de outubro, devido à “crise que atualmente atravessa a sociedade sãojoannense”, conforme foi registrado em ata.

A crise foi o fim do próspero ciclo da borracha na região amazônica, acossado pela concorrência de novos produtores na Ásia. A queda da receita de exportação de borracha e o desequilíbrio nas contas externas precipitaram instabilidade nos mercados financeiros nacionais. Os jornais noticiam que boatos sobre a “falência de nossa Caixa Econômica ocasionaram um verdadeiro pânico, e muitos foram os depositantes que liquidaram suas cadernetas por qualquer preço, dando aos agiotas um lucro inesperadamente fabuloso”. Como os depósitos na caderneta de poupança eram garantidos pelo Tesouro Nacional, não havia razão alguma para a corrida bancária. Foi simplesmente pânico.

Em 5 de outubro de 1913, o jornal “*A União – Órgão do Centro Catholico do Brasil*”, no Rio de Janeiro, estampou na primeira página o seguinte editorial assinado por Lacerda de Almeida:

“A crise econômica do ponto de vista catholico”

“A borracha é agora o produto que mais acentuadamente sofre. E por que? A crise da borracha, como a do café, como a do açúcar, prende-se a causas gerais que entendem com isso que os materialistas combinaram chamar ‘luta pela vida’ (o inverso de caridade, que é o sacrifício da vida) e que aplicada à grande indústria nada mais é que um vício, a cobiça desmarcada que leva, por amor de lucros excessivos, a esse fenômeno só visto em nossa época de estupendo e colossal egoísmo – a superprodução.”

“Não é para darem trabalho a milhões de operários famintos que as máquinas de Birmingham, Manchester e New York trabalham dia e noite sem apagar as caldeiras. É para dar maiores lucros ao capital empenhado na indústria. A superprodução é a manifestação de um estado febril, de uma atividade desnecessária, hiperbólica, exaustiva de forças em pura perda: força o trabalho além dos justos limites, força o consumo além das reais necessidades, donde resulta uma agitação doentia, de que todos, produtores e consumidores, sofrem igualmente.”

Sob a influência do pensamento keynesiano, os governantes aprenderam no século 20 a enfrentar as crises do capitalismo por intermédio de adequado gerenciamento macroeconômico. A intervenção estatal e a regulação dos mercados financeiros vieram minimizar a ocorrência de crises econômicas com o propósito de obter os ganhos sociais do capitalismo: empregos, rendimentos, prosperidade, inovações e bem-estar para a população.

### **Na profissão de educador também há instabilidade**

São João del-Rei tem uma longa história na educação brasileira. Foi sede da Comarca do Rio das Mortes, uma das três comarcas do estado de Minas Gerais. Dela surgiram 317 municípios. Num país majoritariamente rural, o centro administrativo da comarca atraía uma população estudantil para suas escolas que geralmente acolhiam alunos internos e externos. A Comarca do Rio das Mortes durou de 1714 a 1891. Segundo o IBGE, a população de 15 anos ou mais em 1900 era de 9,7 milhões, sendo 6,3 milhões de analfabetos, ou seja, 65% (hoje é 8 %).

O Liceu S. Gerardo, fundado pelo professor Antoniquinho em 1909, dedicava-se ao ensino primário e secundário de alunos do sexo masculino. Teve dois fortes concorrentes: o Grupo Escolar João dos Santos (escola primária pública a partir de 1908) e o Ginásio Santo Antonio (escola secundária dos frades franciscanos, iniciada em 1909). O primeiro vinha fortalecido pela reforma do ensino primário em Minas Gerais; o segundo pelo respaldo de uma ordem religiosa internacional. O Liceu São Gerardo encerrou suas atividades antes do falecimento do professor Antoniquinho em 1917. O João dos Santos e o Santo Antônio expandiram suas atividades ao longo do século 20, sendo o primeiro considerado atualmente uma das melhores escolas públicas do estado.<sup>2</sup> O Ginásio Santo Antônio encerrou suas atividades em São João del-Rei em 1971, mas manteve o Colégio Santo Antônio em Belo Horizonte, figurando no elenco dos melhores educandários do país.<sup>3</sup>

O professor Antoniquinho foi o primeiro presidente da Caixa Escolar do Grupo Escolar João dos Santos, criada em 1913. O objetivo era fornecer aos “alunos menos favorecidos” sopa, merenda, agasalho, material escolar e medicamentos.

Quando faleceu em novembro de 1917, ele era inspetor técnico de ensino de MG, cargo valorizado a partir da reforma de Afonso Pena, em 1892. Sua morte prematura está associada a enfermidades decorrentes de uma queda do cavalo no exercício de sua atividade profissional de inspetor.

### **O apedrejamento da casa do alemão: São João del-Rei na 1ª Guerra Mundial (1914-18)**

O confrade Sebastião Cintra nos conta que “durante a guerra mundial de 1914, populares exaltados depredaram a casa comercial de um alemão estabelecido na cidade, violência que Antoniquinho Campos corajosamente condenou”.

Fui pesquisar os jornais da época e encontrei a seguinte reportagem no diário *A Nota*, de 6/11/1917

*Os sucessos de hontem*

*Populares exaltados apedrejaram casas allemãs, depois de “um meeting”*

*A policia impotente para dominar os exaltados*

*O Meeting*

*Estava anunciado para hontem um “meeting” que deveria realizar-se na ponte da cadeia.*

---

<sup>2</sup> No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2008, os alunos da Escola Estadual João dos Santos obtiveram uma nota média superior a todas as escolas estaduais da capital de São Paulo – o estado mais rico do Brasil. Na comparação com as escolas estaduais civis de Belo Horizonte, o nosso João dos Santos é vice-líder.

<sup>3</sup> O Colégio Santo Antonio figura entre os três melhores de Belo Horizonte no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em 2011, ocupou a nona posição no país.

*As 8 horas, presente grande número de pessoas no local, não aparecendo o orador, tomou a palavra o sr. Arthur de Oliveira Horta que, declarando não ter sido o autor do boletim distribuído, faz um entusiástico discurso cujo final foi encoberto por uma salva de palmas. Depois de uns 15 minutos, um numeroso grupo mais exaltado, descendo pela Avenida aos gritos de viva o Brasil! morra a Allemanha! parou em frente a casa comercial do sr. Meyer Stein, estabelecido com fábrica de gelo e sorveteria.*

*Montavam guarda do estabelecimento 3 policiais, que se viram impedidos de qualquer ação.*

*Fez-se ouvir uma vaia tremenda e começou*

#### **O APEDREJAMENTO DA CASA**

*com uma fúria terrível. Vidros das portas e das janela grades das sacadas voaram logo em estilhaços, atingindo as pedras o interior da casa de residência da família Stein. Durante 20 minutos foi a casa apedrejada. Veio, inopinadamente, a chuva. Muitos debandaram, abrigando-se.*

*Um outro grupo dirigiu-se à Casa Allemã, situada no Largo do Carmo e de propriedade do súdito germânico dr. Stak. Ali a porta foi arrombada em um momento a casa invadida, praticando os populares grandes estragos em seu interior. Alguns objetos foram retirados e queimados imediatamente [ilegível]*

*Nós não queremos que cada um, de per si, se lhes declare guerra, não! Trataremos como inimigos que são; mas, ao mesmo tempo, devemos mostrar-lhes que somos patriotas e que já estamos ao serviço de nossa Pátria.*

*Enfim, sabemos que não foi, verdadeiramente, o povo são-joanense, no sentido lato da expressão, o autor dos sucessos de hontem.*

*Não podemos condenar, também, os populares que levaram a efeito o apedrejamento de hontem, pois o exemplo vem de longe, vem dos centros da verdadeira e mais apurada civilização, mas sentimos no dever de aconselhar a maior prudência e maior calma a todos aqueles que julgarem que semelhantes atentados desafrontam nossos brios de povo civilizado atingido pela raiva canina do Kaiser. O momento exige a máxima prudência de cada um dos brasileiros, que precisam compreender que estas manifestações são contraproducentes.*

Está claro que a linguagem do jornal não teve a coragem do professor Antoniquinho de condenar o apedrejamento. Primeiro, porque dizia que não era “o povo são-joanense, no sentido lato da expressão,” que lá estava. Segundo, os populares que apedrejaram (povo, no sentido estrito?) apenas miraram no exemplo de centros civilizados. Ou seja, se os povos civilizados comportam-se como bárbaros, não podemos condenar nossos bárbaros. É o que o jornal quis dizer.

#### **O Fictício Encontro de Antoniquinho com Richard Burton e Basílio da Gama**

Ao escrever a biografia de Flaubert, Jean Paul Sartre disse que “mais importante do que o fato são as hipóteses que você levanta e essas hipóteses vão constituindo um verdadeiro

romance”. A posição do adjetivo ‘verdadeiro’ antes ou depois do substantivo no idioma português e francês altera o sentido da frase. Sartre não disse romance verdadeiro, mas sim verdadeiro romance.

O cineasta Woody Allen foi mais longe na sua comédia romântica “*Meia-Noite em Paris*”. Ambientado nos tempos de hoje, o filme, lançado em 2011, retrata a viagem do protagonista, que é um escritor norte-americano, à capital da França. Quando os sinos da igreja de Saint Étienne du Mont batiam meia-noite, o escritor era transportado para a Paris da década de 1920, e freqüentava festas com intelectuais e artistas, como Scott Fitzgerald, Gertrude Stein e Ernest Hemingway.

Aquele mundo intelectual das capitais no início do século 20 era predominantemente literário. Alguém dizia que, flanando pela cidade, os mortais podiam cruzar com escritores nas ruas: em Paris, Alexandre Dumas, Victor Hugo e Baudelaire; em Londres, Charles Dickens e Thomas Hardy; em Lisboa, Eça de Queiroz e Antero de Quental; no Rio de Janeiro, Machado de Assis e José de Alencar.

E em São João del-Rei? O jovem professor Antoniquinho dialogava com o advogado e historiador Augusto das Chagas Viegas e o General Faria, com os quais mantinha “palestras agradáveis e mesmo chistosas, contrastando com o rigorismo com que encarava os problemas atinentes à disciplina escolar”, conforme registrou Sebastião Cintra.

São João del-Rei impressionava os visitantes estrangeiros no século 19. Em 1869, o famoso geógrafo britânico, Richard Francis Burton (1821 – 1890), publicou *As Viagens aos Planaltos do Brasil (Explorations of the Highlands of the Brazil)*, livro em dois volumes no qual dedica três capítulos descrevendo suas impressões de São João del-Rei. Nas caminhadas e cavalgadas pela cidade, elogiou a Rua da Prata como a Belgrávia local. Até hoje, o bairro de Belgrave em Londres é um dos mais elegantes com suas belas residências e avenidas projetadas.

Burton conta que participou de palestras e teve um encontro com o professor de latim, Aureliano Pimentel, que estava estudando hebraico e sânscrito. Seu interesse pelos idiomas dos países que visitava o diferenciava dos demais viajantes estrangeiros. Ele não somente escreveu muitos livros, como também traduziu obras interessantes que encontrou em suas viagens.

Com o auxílio de sua esposa Isabel, ele publicou dois livros brasileiros que traduziu para o inglês: *Iracema*, de José de Alencar e *Manuel de Moraes*, de J.M. Pereira da Silva. Chegou a traduzir, mas não conseguiu publicar o poema épico *O Uruguai*, de José Basílio da Gama. O título havia sido publicado em português em 1769, e trata da expedição de portugueses e espanhóis contra as missões jesuítas do Rio Grande. Basílio da Gama é patrono da cadeira número 4 da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em 1740 em São José do Rio das Mortes, hoje Tiradentes, e faleceu em Lisboa em 1795.

Na vida real, Basílio, Richard e Antoniquinho compartilharam o mesmo espaço geográfico, porém jamais se encontraram pessoalmente. Basílio morreu antes do nascimento de Richard, que deixou o Brasil em 1868, antes do nascimento de Antoniquinho em 1880.

Richard Burton encontrou Basílio às vésperas do centenário de seu livro. O professor Antoniquinho encontrou os livros de Basílio e de Burton na Escola Normal que cursou na virada do século.

Por que esta digressão no meu elogio ao professor Antoniquinho? Nós somos da Academia de Letras. Temos, pois, imaginação. Foram duas as razões para falarmos de Basílio da Gama e Richard Burton. A primeira é insistir na idéia de que São João del-Rei era (e ainda é) um município muito especial. Interessa saber o que havia por aqui nos tempos de Antoniquinho, ou mesmo antes dele. Lembramos da famosa máxima de Ortega y Gasset (1883 – 1955): “o homem é o homem e a sua circunstância”. Ou seja, o homem é dependente da realidade que o cerca. Os três cidadãos flanaram pelas ruas de São João del-Rei em tempos diferentes.<sup>4</sup>

Uma segunda razão para introduzir esse encontro fictício do professor Ribeiro Campos com o explorador inglês e Basílio da Gama é encorajar os escritores são-joanenses (aqui há dezenas deles) a escrever uma obra literária sobre o tema. Um ensaio, um conto ou um romance sobre três gerações de homens que viveram a experiência da construção de uma nação, iniciando nos conflitos com os povos indígenas, passando pela exploração do ouro e povoamento de Minas Gerais até a chegada da Segunda Revolução Industrial no final do século 19.

## Epílogo

2017. Cem anos do falecimento do nosso homenageado, professor Antônio Augusto Ribeiro Campos, que não tinha curso superior, mas foi um beneficiário do elevado nível de ensino da época. Neste ano, uma instituição de ensino superior de São João Del-Rei credenciou-se como centro universitário. O Instituto Presidente Tancredo Neves passou-se a chamar UNIPTAN. Está a um passo de tornar-se uma universidade, como a já existente Universidade Federal de São João del-Rei, que amplia sua presença no estado e enfrenta os gigantescos desafios da excelência na qualidade.

Convém não esquecermos a longa história de amor de São João del-Rei pela educação. Não haveria UFSJ e UNIPTAN sem o dedicado trabalho de educadores no ensino básico, antes e depois do professor Antoniquinho.

Um exemplo bem atual da qualidade da educação na cidade é revelado pelo Exame Nacional do Ensino Médio de 2014. Num universo de uma dezena de milhares de escolas do país, o Centro Educacional Frei Seráfico em São João del-Rei ficou entre as dez escolas com maiores médias na prova de redação.

Recordando: nosso patrono concluiu o curso normal aos 19 anos para ingressar na carreira do magistério, ainda não estruturada nos anos iniciais da era republicana. Criou seu próprio educandário – o Liceu São Gerardo – até a chegada de fortes organizações, religiosas e públicas no ensino brasileiro. Encerrou precocemente sua vida terrena como inspetor técnico

---

<sup>4</sup> Dizem que *flâner* é o mais parisiense dos verbos

de ensino do estado de Minas Gerais – uma função pública para fiscalizar, normatizar e qualificar o trabalho da escola, que passou a ser crescentemente valorizada pela sociedade.

Nos tempos do professor Antoniquinho, os desafios eram organizar o sistema educacional brasileiro para eliminar a alta taxa de 65% de analfabetos. Nos dias de hoje, o esforço educacional está na melhoria da qualidade, ao qual se acrescentam as transformações tecnológicas da quarta revolução industrial em curso. Estima-se que 65% das crianças que entram na escola primária hoje provavelmente vão trabalhar em empregos que ainda não existem hoje. (*The Future of Jobs*, Fórum Econômico Mundial 2016)

Há uma rua com o nome do Professor Ribeiro Campos no bairro das Fábricas. É a homenagem do município. O mestre Antoniquinho está imortalizado na cadeira número 25 da Academia de Letras de São João del-Rei. É a homenagem dos seus pares, homens e mulheres das letras e da cultura, que contemplam três séculos de história.

Muito obrigado!

## Referências

ARAGO, François. *Biographie de Marie Jean Antoine Nicolas – Caritat de Condorcet*. Paris: Académie des Sciences, 1841

ARRUDA, M. Aparecida. Igreja e normalização de professores em São João Del-Rei, *História da Educação*, v. 16, n. 38, Santa Maria, set/dez 2012

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

BARROS, Aluizio A. Nossas melhores escolas. *Gazeta de São João del-Rei*, 16 de maio de 2009

BURTON, Richard F. *Explorations of the Highlands of the Brazil*, v.1. London: Tinsley Brothers, 1869. Disponível em burtoniana.org

CINTRA, Sebastião de O. Registro biográfico sanjoanense – Professor Antônio Augusto Ribeiro Campos. *Diário do Comércio*, S. João del-Rei, maio 1962

FRITSCH, Winston. Aspectos da Política Econômica no Brasil, 1906 – 1914. In Paulo Neuhaus (coord.) *Economia Brasileira – uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980

GARCIA, Frederick C.H. Richard Francis Burton and Basilio da Gama: The Translator and The Poet. *Luso-Brazilian Review*, v.12, n.1 (Summer 1975)

SOBRINHO, Antonio Gaio. *História da Educação em São João Del-Rei*. Funrei, 2000